

**ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO EAD:  
mesmas diretrizes, novas  
conexões**

SUPERVISED STAGE EAD: same  
guidelines, new connections

ENTRENAMIENTO  
SUPERVISIONADO EAD: mismas  
directrices, nuevas conexiones

**Marluce Zacariotti<sup>1</sup>  
Maria José de Pinho<sup>2, 3</sup>**

## RESUMO

Este artigo descreve a implantação do estágio curricular supervisionado do Curso de Licenciatura em Biologia na modalidade a distância da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Discute teorias de origem positivista do ensino tradicional, contrapondo-as a propostas emergentes do ensino a distância (EaD), e reflete sobre a interação entre (e com) os alunos estagiários da UFT na plataforma Moodle. Ressaltam-se as percepções sobre essas interações, na perspectiva do conhecimento compartilhado e de processos reflexivos mediados pelas tecnologias. Partindo do princípio de que as diretrizes, tanto no estágio curricular presencial quanto no a distância, são baseadas no mesmo decreto 87.497, busca-se levantar questões que demarquem diferenças ou aproximações entre ambas as propostas.

<sup>1</sup>Doutora em Educação (PUC/Go). Mestre em Ciências da Comunicação (USP); especialista em Gestão da Comunicação (USP) e Graduada em Jornalismo (UFG). Professora adjunta do curso de Jornalismo da UFT; Professora do Mestrado Profissional em Educação (UFT); coordenadora do grupo de pesquisa CNPq Comunicação, Sociedade e Meio ambiente; vice-coordenadora do PPPGE/UFT e coordenadora do NUJOR. [marluce@uft.edu.br](mailto:marluce@uft.edu.br).

<sup>2</sup>Pós-Doutorado em Educação pela Universidade do Algarve-Portugal Doutorado em Educação - PUC/SP. Pesquisadora Bolsista Produtividade CNPq Categoria 2. É professora no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Ensino de Língua e Literatura. É membro da Rede Internacional de Escolas Criativas: construindo a escola do século XXI (RIEC Coord.UB/Espanha). E-mail: [mjpgon@mail.uft.edu.br](mailto:mjpgon@mail.uft.edu.br).

<sup>3</sup> Endereço de contato das autoras (por correspondência): Universidade Federal do Tocantins Quadra 109 Norte, Avenida NS 15 Al C , Complexo laboratorial de Jornalismo - CEP: 77020-210, Palmas – TO.

**PALAVRAS-CHAVE:** plataforma moodle; estágio supervisionado; educação a distância.

### **ABSTRACT**

This article describes the implantation of the supervised training in undergraduate course of biology in the distance modality of the Federal University of Tocantins (UFT). It discusses positivistic line theories of traditional education, counterposing them with emerging proposals of e-learning, and reflects on the interaction between (and with) students trainees of UFT in the Moodle platform. The perceptions of these interactions are emphasized, In the perspective of shared knowledge and reflective processes mediated by technologies. Assuming that the guidelines, both online and on-site supervised academic training programs, are based on the same decree 87,497, it seeks to raise issues that demark differences or approximations between both proposals.

**KEYWORDS:** moodle platform; supervised training; distance e-learning.

### **RESUMEN**

En este artículo se describe la implementación de los estrenamientos curriculares supervisionados en el curso de licenciatura en Biología a distancia de la Universidad Federal de Tocantins (UFT). Discute las teorías de orientación positivista de la enseñanza tradicional, comparándolos con las propuestas que surgen de la enseñanza a distancia y reflexiona sobre la interacción entre (y con) los estudiantes de la UFT en la plataforma Moodle. Se resaltan las percepciones acerca de estas interacciones, desde la perspectiva de compartir conocimientos y procesos reflexivos mediados por la tecnología. Partiendo del principio de que las directrices curriculares, tanto en entrenamiento curricular presencial quanto a distancia, se basan en el mismo decreto 87,497, tratamos de plantear cuestiones que señalen las diferencias o aproximaciones entre ambas propuestas.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 5, n. 3, Maio. 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2019v5n3p118>

**PALABRAS CLAVE:** Plataforma moodle; treinamento supervisionado; educação a distancia.

Recebido em: 12.12.2018. Aceito em: 12.03.2019. Publicado em: 01.05.2019.

## Introdução

A sociedade contemporânea está marcada por mudanças estruturais decorrentes de diversas forças: globalização, economia, cultura, tecnologia, ciência, educação e outros setores. Diante do panorama de um mundo globalizado, onde grandes empresas mundiais têm o controle do capital, as pessoas têm vivenciado as contradições que a globalização e o sistema capitalista impõem. Por um lado, os avanços tecnológicos, as descobertas científicas em várias áreas do conhecimento e novas formas de interagir, oportunizando compartilhamento de informações de modo rápido. Por outro, a talvez lenta reação dos ambientes educacionais para a apropriação das tecnologias, que, muitas vezes, são utilizadas com bases em didáticas ultrapassadas, inspiradas na tradição positivista. Isso, quando são utilizadas. Há de se pensar numa perspectiva que supere essa mera aplicação da tecnologia, que se contraponha ao paradigma positiva que tanto influenciou o processo de fragmentação e de descontextualização do ensino brasileiro.

Nesse sentido, é que se coloca a importância de pensar o curso de Biologia a distancia da UFT e, por extensão, os seus professores em formação, a partir de uma perspectiva construcionista e reflexiva. O que implica dizer que a tecnologia envolvida no espaço educacional deve ser concebida para além de seu uso tecnicista, apenas como ferramenta, mas, sobretudo, articulada às possibilidades de ampliação de leitura crítica do mundo ou de capacitação para o uso consciente das informações. Segundo Moraes (2002, p. 01):

As novas tecnologias digitais vêm favorecendo novas formas de acesso à informação, novos estilos de pensar, raciocinar e novas dinâmicas no processo de construção de conhecimento. Entretanto, o uso de tais recursos está aliando-se cada vez mais, à concepção empirista da educação, fortalecendo ●

**pensamento positivista**, prestigiando a função informativa do computador e instrucionista da educação, em detrimento da **função construtivista, dos aspectos reflexivos e criativos** que o uso dessas ferramentas também oferecem. (Grifos nossos).

É exatamente essa a preocupação que move este trabalho. Discutir o curso, as estratégias e as relações que por meio dele se estabelecem entre alunos, professores e a sociedade, procurando refletir as novas tendências na interface da educação com as tecnologias e/ou com a comunicação.

Como nosso objeto de estudo é o curso de Biologia, cabe destacar que esta é uma das áreas da ciência originárias na tradição positivista do século XIX e é, hoje, uma das que têm maior deficiência de professores graduados e capacitados. O Tocantins, por exemplo, possui um grande contingente de professores não habilitados atuando no ensino de Ciências ou Biologia. Tendo em vista esta preocupação, o Consórcio Setentrional<sup>4</sup>, na Chamada 01/2004, propôs a criação do curso.

Portanto, o curso de Biologia na modalidade a distância foi criado em 2004, teve seu projeto político pedagógico encampado pelo Centro de Novas Tecnologias Educacionais – CNTE, da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

---

<sup>4</sup> “Consórcio Setentrional para a Licenciatura em Biologia” constituído por Instituições Públicas de Ensino Superior – IPES dos Consórcios Regionais UNIVIR-CO, AMAZÔNIA NET e CONSÓRCIO BAHIA do Consórcio Nacional UniRede. Instituições Participantes: Universidade de Brasília – UnB – líder do Consórcio; Universidade Federal de Goiás – UFG; Universidade Estadual de Goiás – UEG; Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS; Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS; Universidade Federal do Tocantins – UFT; Universidade Federal do Pará – UFPA; Universidade Federal do Amazonas – UFAM e Universidade Estadual de Santa Cruz (Bahia) – UESC.

O Projeto Pedagógico do Curso foi elaborado levando em conta as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Biologia, a Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002 e os Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância - SEED/MEC, enfatizando a formação para o uso didático de Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC. O projeto identifica-se por uma concepção pautada na abordagem interdisciplinar, organizada em módulos e eixos temáticos. Cada módulo contempla um aspecto do fenômeno biológico, de forma interdisciplinar. Os módulos estão estruturados a partir de três eixos temáticos: o histórico-filosófico, englobando sociedade e conhecimento; o que trata o fenômeno biológico e o pedagógico.

A proposta tem aspectos inovadores. Mas do conjunto de inovações e desafios, buscamos, nessa pesquisa, analisar a implantação do Estágio Supervisionado do curso de Biologia na modalidade a distância e como no decorrer desse processo, foram sendo trabalhadas as possibilidades e enfrentados os limites do estágio nas diversas percepções dos atores sociais envolvidos: coordenador do estágio; tutores dos pólos e alunos estagiários.

### **A Educação a Distância no Brasil**

Com base nas abordagens elencadas, ou seja, nos contrapontos entre ensino tradicional e as novas tendências pedagógicas atuais, as quais inspiraram filósofos e educadores a refletirem uma nova concepção de educação, assim como, nos documentos oficiais supracitados que buscam promover o ensino numa perspectiva emergente, passamos a refletir a linha do tempo e o lugar conferido à tecnologia EaD no Brasil. Vejamos abaixo, o

percurso histórico do uso de tecnologias em EaD, conforme apresenta por Vianney (2003, p. 37) apud Lapa (2008):

- 1904 – Mídia impressa e correio – ensino por correspondência privado;
- 1923 – Rádio Educativo Comunitário;
- 1939-41 – Instituto Monitor e Instituto Universal Brasileiro – cursos profissionalizantes por correspondência;
- 1965-970 – Criação das TVs Educativas pelo poder público;
- 1980 – Oferta de supletivos via tele cursos (televisão e materiais impressos), por fundações sem fins lucrativos;
- 1985 – Uso do computador *stand alone* ou em rede local nas universidades;
- 1985-1998 – Uso de mídias de armazenamento (vídeo-aulas, disquetes, CD-ROM, etc.) como meios complementares;
- 1989 – Criação da Rede nacional de Pesquisa (uso de BBS, Bitnet, e e-mail);
- 1990 – Uso intensivo de teleconferências (cursos via satélite) em programas de capacitação a distância;
- 1994 – Início da oferta de cursos superiores à distância por mídia impressa;
- 1995 – Disseminação da Internet nas Instituições de Ensino Superior, via RNP;
- 1996 – Redes de videoconferência – Início da oferta de mestrado à distância, por universidade pública em parceria com empresa privada;
- 1997 – Criação de Ambientes Virtuais de Aprendizagem. Início da oferta de especialização a distância, via Internet, em universidades públicas e particulares.

O percurso histórico da Educação a Distância mostra a trajetória dessa modalidade de ensino que iniciou no Brasil no século XX, mais precisamente, em 1904, com *mídia impressa e correio – ensino por correspondência privado* e

a partir de 1997 são criados os *Ambientes Virtuais de Aprendizagem*<sup>5</sup>, tendo Início também a oferta de especialização a distância, em universidades públicas e particulares.

A educação a distância vem se confirmando como uma realidade em diferentes níveis de ensino, servindo em muitos casos para atender a políticas de formação do Ministério da Educação (MEC). A EaD se vale de tecnologias de comunicação e informação (TIC) e cada vez mais ganham mais ferramentas de interação. Para o MEC, a Educação a Distância se define como uma:

(...)modalidade educacional na qual alunos e professores estão separados, física ou temporalmente, e, por isso, faz-se necessário a utilização de meios e tecnologias de informação. Essa modalidade é reguladora por uma legislação específica e pode ser implantada na educação básica (educação de jovens e adultos, educação profissional técnica de nível médio) e na educação superior. (BRASIL, 2011).

Essa modalidade vem crescendo significativamente no Brasil e no mundo Conforme Silva (2009, p. 11):

No Brasil, país de porte continental, com grandes disparidades socioeconômicas e crônicos problemas educacionais foi invocado como tábua de salvação. Uma maneira de constatar isto é verificar o grande número de instituições sendo credenciadas a atuarem nessa modalidade de ensino, assim como pelo quantitativo crescente de Alunos que optam pela mesma para realizarem cursos de formação inicial e continuada

---

<sup>5</sup> Como, por exemplo, TecLec - UFRGS, TeleEduc - UNICAMP, *Learning Space* - IBM, Aula Net - UFRJ, dentre outras. OLIVEIRA (2002).

Apesar dessa expansão e de seu caráter inclusivo, há ainda muitos embates teóricos acerca da educação a distância. Alguns autores, como Behr (2014, p.21) que defendem e acreditam que a EaD é “a modalidade de ensino onde é possível que professores e alunos não estejam presentes no mesmo lugar ao mesmo tempo, mas que ainda assim promovam um processo educacional”. Outros, a exemplo de Alves (2011), destacam seu caráter democrático, pois a Ead possibilita alcançar um grande número de pessoas e também equaciona as limitações de tempo e espaço. No entanto, há aqueles menos eufóricos, que chamam a atenção para os perigos de uma visão redutora, positivista do uso de tecnologias na educação. Estes se preocupam em despertar o entendimento de que a interface comunicação/educação/tecnologias deve promover a participação, a colaboração e conexões dos aprendentes. Oliveira (2002, p. 96), por exemplo, embora seja entusiasta da relação entre comunicação e educação ou Educomunicação (SOARES, 2011), é bastante crítico quanto a essa pedagogia com e para os meios. Ele vem colocando suas preocupações em seus trabalhos desde o início das discussões sobre educação mediada por tecnologias:

(...) estamos cientes de que o essencial não é a tecnologia, mas uma perspectiva pedagógica que busque a participação, a colaboração e as múltiplas conexões entre os aprendentes. Portanto, destacamos: um mesmo instrumental pode potencializar as competências e habilidades discentes ou trabalhar na perspectiva alienante, outorgando-lhes um perfil de receptores passivos de informação. *Tudo depende da competência pedagógica do educador para utilizar essa nova ferramenta.* Portanto, cabe-nos utilizar adequadamente as tecnologias digitais, de modo a potencializar essa comunicação emancipatória. (Grifos nossos).

Essa linha de Soares, de uma superação metodológica tradicional para dar conta das novas configurações pedagógicas digitais, que procuramos ressaltar. Essa ideia de múltiplas conexões, de um uso consciente das tecnologias faz lembrar também Moraes (2002, p.7) quando diz que “para sermos autônomos necessitamos interagir com o mundo exterior”. Essa e outras condições que se impõem para um efetivo processo de ensino-aprendizagem a distancia não se concebiam no paradigma tradicional da Modernidade, uma vez que sujeito e objeto eram separados. Mas são imperativas nessa concepção de uma pedagogia que potencialize interações e procesos comunicativos emancipatórios.

Procurando destacar uma consciência para a adequada utilização das tecnologias digitais na EaD alguns autores especialistas no assunto apontam as características e as metodologias pretendidas pelo ensino a distância que devem ser bastante diferenciadas do ensino tradicional. Entre os contrapontos mais marcantes entre o ensino tradicional e o paradigma educacional emergente estão os conceitos de disciplinar x interdisciplinar; transmissão de conhecimento x construção do conhecimento. Vejamos a tabela (adaptada) apresentada por Nevado et al (2002), que apresenta uma proposta de modelo de formação:

Cursos Convencionais	Modelo de Formação Proposto
<b>Características Gerais</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- “Desenho de curso” disciplinar.</li><li>- Transmissão do Conhecimento: Treino e Prática</li><li>- Hierárquico</li><li>- Centrado no Docente</li></ul>	<b>Características Gerais</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- “Desenho de curso” <u>interdisciplinar</u></li><li>- Construção do Conhecimento: Solução de Problemas</li><li>- Heterárquico</li><li>- Descentrado e Interativo</li></ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diretivo</li> <li>- Papéis fixos (rígidos)</li> <li>- Favorecimento da Heteronomia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relacional</li> <li>- Papéis flexíveis</li> <li>- Favorecimento da Autonomia</li> </ul>
<p><b>Objetivos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- definidos pelo docente.</li> <li>- ênfase no domínio de fatos isolados e habilidades.</li> </ul> <p><b>Conteúdos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Organizados pelo docente (seleção e ordem): critérios, prioridades e sequência.</li> <li>- Os diferentes conteúdos são trabalhados de forma compartimentada.</li> <li>- Fontes de Informação: principalmente o professor, livros, apostilas, textos informativos. No caso de EAD, vídeos, programas de TV e rádio.</li> </ul>	<p><b>Objetivos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- definidos em parceria professores alunos, negociação.</li> <li>- ênfase no desenvolvimento de competências e compreensão de conceitos para aplicação em novas situações-problema.</li> </ul> <p><b>Conteúdos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Reorganizados no processo de acordo com as necessidades dos projetos pessoais e coletivos.</li> <li>- Interações entre conteúdos de diferentes áreas do conhecimento, com ênfase na busca da interdisciplinaridade.</li> <li>- Fontes de Informação: Internet, hipertextos, especialistas, colegas e professores. Utiliza também livros, vídeos, porém não prescreve nem limita as fontes de informação.</li> </ul>
<p><b>Metodologia</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Reprodutiva : treinamento e prática</li> <li>- Tarefas compartimentalizadas e isoladas.</li> <li>- Tarefas direcionadas para a aplicação de habilidades e memorização de fatos ou informações isoladas.</li> </ul>	<p><b>Metodologia</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Interativa e problematizadora</li> <li>- Projetos diversificados e interdisciplinares: _____ repositórios, recursos de apoio, portfólios comunicação síncrona e assíncrona.</li> <li>- Atividades interdependentes na forma de oficinas e seminários teórico-práticas.</li> <li>- Atividades de interação mediadora através de serviços da Internet.</li> </ul>

Como vimos na tabela acima, o modelo de formação trabalha numa perspectiva que amplia a interação, a autonomia dos estudos e o domínio de ferramentas digitais como linguagem. Essa abordagem está na base do que acreditamos que deve ser considerado em experiências de estágio supervisionado a distância.

Em razão da expansão e das críticas relacionadas à EaD o Ministério da Educação (MEC) tem feito parcerias com universidades brasileiras as quais promovem projetos interessantes que tentam aproveitar a tecnologia para promover o ensino a distância dentro dos moldes do paradigma emergente. São projetos elaborados para formação de professores em nível municipal estadual e nacional. Como exemplo Oliveira (2002) aponta:

1) o *Projeto de Professores, via Telemática*, coordenado pela professora da (PUC/SP) Dra. Maria Candida Moraes, a qual é referência do paradigma educacional emergente;

2) o projeto *NAVE: ambientes virtuais de aprendizagem colaborativa*, coordenado pelo Prof. Dr. Fernando Almeida (PUC/SP)

3) o *Curso de Pós-graduação de aprendizagem colaborativa*, coordenado pelo Prof. Dr. José Armando Valente (UNICAMP – PUC/SP).

Ainda segundo Oliveira, (2002) os dois últimos projetos acima já foram experimentados por ela como professora formadora. Tais projetos se mostraram eficientes no que toca a formação de professores. Ainda, conforme explica, esses projetos tiveram a seguinte pretensão:

- vivenciar os pressupostos do construcionismo contextualizado em EaD;
- dar vozes mais que ecos, aos alunos educadores;

- trabalhar a formação dos alunos-educadores como profissionais reflexivos sobre sua prática pedagógica;

- trabalhar a formação dos alunos-educadores como seres autônomos e não autônomos;- buscar a formação de coletivos inteligentes, mas também de coletivos amantes, sensíveis e solidários.

O resultado dos projetos elencados por Oliveira (2002) foram bastante representativos e surtiram efeitos favoráveis, que foram apresentados em seus estudos. Porém, propostas mais abrangentes, com metodologias menos positivistas, nem sempre são aproveitadas pelas universidades, pois, como alerta Oliveira, (2002, p. 96), a abordagem da maioria dos projetos não é economicamente atrativa, se comparada à abordagem broadcasting<sup>6</sup>, bastante usual em EaD. Contudo, ela ressalta o retorno qualitativo dos projetos, especialmente com relação à formação de educadores. Ou seja, as experiências apresentadas pela autora, apesar de serem interessantes e ter retornos qualitativos, requerem mais investimentos das universidades e, por isso, preferem optar pelos baixos custos da modalidade broadcasting.

Essas questões apontadas por Oliveira (2002) são importantes. Embora os exemplos de projetos citados tenham mais de uma década, a realidade não mudou muito, uma vez que o governo federal têm restringido os investimentos em educação e, por consequência, na EaD. O volume de cursos EaD e de alunos aumentou significativamente, no entanto, os recursos cada vez mais estão sofrendo

---

<sup>6</sup>Broadcasting é a abordagem mais comum em EaD, nela o professor encarrega-se de transmitir ao aluno um pacote fechado de informações que ele julga pertinentes aos seus propósitos educacionais. Nele, o aluno vai fazendo as tarefas, geralmente individualmente, e ao final, 'devolve' ao professor a rede de informações veiculadas ao curso. (OLIVEIRA, 2002)

cortes, que impedem propostas mais qualitativas de métodos de ensino a distancia.

Ainda assim, o uso dos ambientes virtuais de aprendizagem, os quais foram criados no fim dos anos de 1990, têm ganhando cada vez mais espaço nas universidades brasileiras. Para se ter uma ideia, segundo dados do Ministério da Educação (MEC), a Educação a Distância (EAD) é a modalidade de ensino que mais cresce no Brasil., das 3,3 milhões de matrículas no ensino superior, registradas entre os anos de 2003 e 2013, um terço correspondia a cursos a distância, sendo a maioria na rede privada de ensino. De 49.911 alunos em 2003, o número saltou para 1.153.572, dez anos depois. Desse total, 86% correspondia a instituições particulares de educação superior. Em 2014, cnforme dados da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED)<sup>7</sup>, o total de matriculados já ultrapassava a marca de 3,8 milhões.

### **O estágio supervisionado EaD**

O avanço da tecnologia digital reconfigurou os conceitos de tempo e espaço, assim como o de presentificação. E isso impactou também na forma como as pessoas se relacionam, se articulam socialmente e em suas atividades cotidianas. O espaço, o tempo e a presença passam a ser redimensionados.

A educação e, de modo especial, a educação superior também se insere nesse contexto. Os cursos a distancia ganharam visibilidade e foram se

---

<sup>7</sup> Relatório Analítico da aprendizagem a distância no Brasil. Organizado pela Associação Brasileira de educação a Distância. Disponível em: [http://abed.org.br/arquivos/Censo\\_EAD\\_2015\\_POR.pdf](http://abed.org.br/arquivos/Censo_EAD_2015_POR.pdf). Acesso em maio de 2017.

apropriando dos mais variados recursos tecnológicos para desenvolver os currículos e a formação de modo não-presencial. Por estarmos vivenciando um contexto de tantas especificidades, é preciso que compreendamos os processos organizacionais e pedagógicos que permeiam esses cursos, dentre eles, o estágio supervisionado. .

Da quase-interação mediada das mídias (THOMPSON, 2002) ao avanço das múltiplas e convergentes conexões possíveis via redes, ampliaram-se muito as possibilidades de interação. E, graças a isso, foi possível pensar de maneira mais sistematizada e efetiva a educação a distância, a partir de plataformas e de ambientes colaborativos de aprendizagem, como o Moodle. E também, em função dessa tecnologia, pôde-se, inclusive, inovar em propostas como o estágio supervisionado a distância.

O estágio supervisionado é um componente curricular que integra um conjunto de atividades que o aluno desenvolve em situações reais de vida e de trabalho, sob a supervisão de um docente. Seu objetivo é propiciar a aproximação do futuro profissional com a realidade em que irá atuar, permitindo-lhe aplicar ou, ampliar e fazer revisões do conhecimento teórico-prático adquirido durante sua vida acadêmica, contribuindo para sua aprendizagem profissional, social e cultural.

O estágio constitui-se num espaço privilegiado para a integração das atividades de ensino, iniciação científica e extensão. As experiências vivenciadas pelo estagiário podem se constituir em diferentes objetos de estudo, análise e reflexão, transformando-se em temas ou problemas a serem desenvolvidos nos Trabalhos de Conclusão de Curso, Artigos entre outros.

Essa forma de organização curricular permitiu pensar o estágio para além de uma fase obrigatória, que acontece em um determinado momento da

formação, como “um dos componentes do currículo do curso de formação de professores, (...) que, prepara para o exercício de uma profissão”. (PIMENTA, 2001, p. 183).

Nesse processo de formação, é importante a figura do professor-orientador, como nos lembra Kulcsar apud Piconez (1991, p. 65), “Não há dúvida de que exista entre o aluno e o professor um jogo de expectativas relacionado aos respectivos desempenhos. (...). Há um consenso sobre os comportamentos que se espera de um aluno (...)”, entende-se que professor orientador do Estágio, deve ter cuidado em não transformar o estagiário em mero preenchedor de fichas, mas instruí-lo a ser um pesquisador de sua própria prática e aproveitar dos conhecimentos que teoricamente construiu durante o curso para entender sua formação. Isto é possível através do processo de reflexão-ação-reflexão que deve ser proporcionado no momento do estágio, como Cunha (1998, p.151) adverte “(...) a reflexão pode nos dar a consciência necessária para a mudança”.

A partir da perspectiva dos parâmetros que regem o estágio de um modo geral, como pensar esse componente curricular importante no âmbito da educação a distância? Essa é a questão que move esse artigo, cujas reflexões e observações são fruto de experiências das autoras com o tema, mais especificamente com o estágio do curso de biologia EaD da UFT.

Assim, o Regulamento do Estágio Curricular Obrigatório do Curso de Licenciatura em Biologia a distância da UFT define a atividade de estágio como a que preza por estudar a natureza e a importância das práticas educativas, através da investigação na realidade escolar e, assim, oportunizar ao formando relacionar os processos de ensino e de pesquisa em salas de aula, por meio da observação, da participação e da regência.

A peculiaridade é que esses processos devem ocorrer, sendo 75% das aulas a distância, via plataforma Moodle. Vale destacar que é o mesmo decreto nº 87.497, de 18 de agosto de 1982, que regulamenta o estágio curricular tanto presencial quanto na modalidade a distância. A legislação específica da EaD, apenas regulamentou a obrigatoriedade do estágio e a sua inclusão dentro da carga horária presencial.

Partindo do princípio de que o estágio deve estar alinhado ao projeto político pedagógico do curso, sendo, também, um espelho do profissional que se quer formar, foi discutido, antes de tudo, o perfil profissional que a instituição desejava formar e que o curso desenhou em seu projeto. Esta é uma das prerrogativas de um bom formato de estágio, que alia teoria e prática de modo a garantir a competência profissional almejada. Infelizmente, o estágio a distância, ainda é calcado nos moldes tradicionais dos estágios curriculares presenciais, baseados em observação, planejamento e docência. Apesar de toda tecnologia envolvida, repetem-se procedimentos. A quebra de muitos paradigmas inerentes à própria constituição da EaD, não ultrapassou ainda a barreira de um novo modo de se pensar o estágio. Mesmo tendo aí algumas implicações novas, como o fato de ter aulas a distância. Só isso, por si, já deveria impor metodologias diferenciadas.

Como já dissemos, não se pode estar em um contexto de uso de tecnologia pura e simplesmente como uma ferramenta, mas, sobretudo, pensar esse contexto para ressignificar práticas pedagógicas.

É muito importante também refletir sobre as expectativas que os alunos têm em relação a seus professores, não a de que estes lhes transferirão seus conhecimentos prontos, mas a de que irão encaminhá-los e guiá-los. Por isso, uma relação positiva entre professor e aluno é fundamental no processo de

construção do conhecimento. Cunha (1998, p. 167), observando algumas características do "Bom Professor" diz que: "este (o professor) está assentado numa perspectiva de ensino que tem no docente o centro do processo de ensinar e aprender". Assim, uma estreita relação entre o orientador de estágio e a instituição acolhedora dos estagiários é muito importante para evitar que haja um descompasso entre aquilo que o professor teoricamente ensina em sala de aula e aquilo que o estagiário vivencia na prática escolar. Muitas vezes a falta de um elo entre as disciplinas vistas como teóricas contribui para que a relação teoria e prática permaneça cada vez mais distantes, aumentando o descrédito em relação ao estágio supervisionado.

Essas foram questões postas na concepção do estágio do curso de Biologia, que tem 45% de carga horária teórica e 90% de carga horária prática. Como ao perfil do profissional desejado somam-se habilidades e capacidades não apenas para o exercício do magistério, mas também para a realização de pesquisas, assessorias, consultorias, deve-se ter o cuidado, especialmente no momento do estágio, na proposição de atividades que despertem o interesse dos alunos de investirem em investigação, em busca de conhecimento, na autoavaliação, de modo a envolver o exercício prático no universo de uma aprendizagem comprometida com os princípios definidos pelo curso, baseados em uma organização de conteúdos de aprendizagem que transcenda a visão compartimentada, fragmentada, que, historicamente, constituíram os currículos acadêmicos praticados.

Assim, reportando-nos ao estágio do curso de biologia da UFT, salientamos que o estágio deve possibilitar ao formando a possibilidade de participar, de aprender de forma reflexiva, para que possa transformar enquanto professor. Por isso o estágio deve imprimir no formando a necessidade de ser

um pesquisador, como se a sala de aula fosse um laboratório, conforme defende Stenhouse<sup>8</sup> (2004, p. 73): “A técnica e os conhecimentos profissionais podem ser objeto de dúvida, isto é, de saber, e, conseqüentemente, de pesquisa”.

Deve-se considerar, que o estágio supervisionado é desenvolvido em estreita relação com a prática, entendida como componente curricular, nos termos postos pela Resolução nº 01/2002 – CNE/CP. Essa Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica. Assim, prática e estágio supervisionado têm o mesmo objetivo: contribuir com a formação teórica-prática do licenciado, por meio do contato, durante o curso de licenciatura, com a futura realidade profissional. Contudo, a prática não se caracteriza como estágio supervisionado (Resolução nº 02/2002 – CNE/CP), mas como um espaço de estudo, pesquisa, reflexão, explicação e construção de conhecimentos da profissão docente, a partir de uma determinada realidade da educação. Ela deve ser articulada por núcleos de pesquisa, áreas de estudos ou áreas temáticas, vinculando-se ao projeto do curso, na sua totalidade.

Já o estágio curricular supervisionado encontra-se assim definido na legislação atual:

Estágio é o tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar para aprender a prática de um ofício para depois poder exercê-lo. Assim, o estágio supõe uma relação

---

8 L. Stenhouse defendia a figura do professor-pesquisador, porque julgava necessário que o docente tivesse pleno domínio da prática pedagógica e acreditava na investigação em sala de aula era o único caminho para isso entender a prática.

pedagógica entre alguém que já é profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário (Parecer CNE/CP 21/2001).

Quanto às características do estágio curricular supervisionado, os documentos legais deixam clara a idéia de que trata-se de um conjunto de práticas formativas, efetivadas sob a supervisão de professores da instituição formadora, em que seja possibilitado ao futuro professor experimentar situações de efetivo exercício profissional e tem a finalidade de “promover a articulação das diferentes práticas, numa perspectiva interdisciplinar” (Resolução CNE/CP nº 2/2002, Art.13).

O estágio supervisionado é concebido como uma oportunidade de o licenciado construir sua identidade profissional, pois possibilita comunicar-se, integrar-se e se fazer presente perante a classe de professores.

Todo esse arcabouço normativo e teórico que rege os estágios de modo geral e os voltados para a EaD, ajudam a construir a argumentação que embasa esse trabalho. Temos claro que já estão dados os procedimentos, processos e orientações que norteiam essa etapa importante da formação do aluno. Tendo acompanhado a implantação do estágio EaD na UFT, utilizamos essas referências para refletir sobre as aproximações possíveis entre os dois modos de estágio: o presencial e o a distância. Será que os métodos são diferentes? Será que não se reproduz métodos tradicionais em versão digital? Quanto de inovação e criatividade tem sido despendido para que efetivamente se dê uma formação a distância com parâmetros qualitativos e voltados para o uso da tecnologia para além da técnica, o uso da tecnologia como linguagem e construção de conhecimento e conteúdo?

Esses são alguns dos questionamentos que trazemos tendo em vista que, em nossa percepção, embora haja um contexto favorável em termos de criação, inclusive disponíveis gratuitamente, de programas, softwares, plataformas de aprendizagem, há muitos desafios a serem superados no ensino a distância e no estágio, mais especificamente.

Durante o acompanhamento da implantação do estágio, uma questão em particular foi colocada e parece-nos preocupante – porque refere-se à necessidade do que já falamos em termos da superação de métodos tradicionais que apenas são reproduzidos em plataformas digitais. Tem a ver com o sentimento de quase abandono, de estar só, mesmo que recebesse as orientações. E essa sensação diz da necessidade do ver. Por não terem sido utilizadas técnicas de conversa por vídeo, os alunos sentiram a necessidade de ver o professor, de falar e de ser ouvido. Então, mesmo mediante muitos recursos, não foram considerados elementos que a tecnologia proporciona para diminuir as distâncias ou para aproximar as pessoas.

### **Considerações Finais**

Tanto quanto na educação presencial, a EaD precisa ser compreendida e planejada, atendendo as especificidades inerentes à sua proposta de educação que, nesse caso, é oferecida a distância. O objetivo de ambas as modalidades é promover educação, porém, os mecanismos para atingir o proposto são distintos, demandando igualmente planejamentos específicos e equipe profissional qualificada.

No caso específico da EaD, é imprescindível que a oferta dos cursos seja planejada criteriosamente, prevendo os condicionantes possíveis e a permanente atenção para os imprevistos. Se comparada à modalidade presencial, pode ser considerada uma nova modalidade, com muitos desafios, barreiras e questionamentos dentro da universidade e fora dela.

Além da existência do preconceito, advindo de um processo histórico pautado numa educação assistencialista, fragmentada e conteudista, há também as barreiras próprias da disseminação e apropriação tecnológica. É inegável a importância do investimento em recursos que ofereçam suporte tecnológico e pedagógico aos alunos. Nessa direção, reafirmamos a necessidade da interação entre alunos e professores.

O estágio a distância tem ainda um ingrediente a mais a ser superado, que é a sensação do aluno de que ele está só. Faz-se necessário pensar estratégias de aproximação do aluno com seus professores, tutores, de modo que ele pudesse sentir-se parte de um todo, em um ambiente que, mesmo mediado pela tecnologia, fosse acolhedor. Sentindo-se acolhido, acolheria, aproximando-se cada vez mais dos espaços e das pessoas inseridas no ambiente virtual. Não é a mediação da máquina, é a mediação do ser humano se apropriando dos recursos oferecidos por ela.

No curso de Biologia, em relação ao Estágio Supervisionado, no período que acompanhamos, foi evidente a necessidade dos alunos do contato presencial com professores. Pelo menos de ver o professora ainda que pela plataforma. Sabe-se que a o moodle foi evoluindo e, algumas ferramentas novas inseridas. Mas ainda que existam formas possíveis para a interação visual, há de se levar em conta problemas comuns nos pólos de interior, por exemplo,

como rede de Internet de baixa intensidade e qualidade, computadores só disponíveis em espaços de trabalho e a própria capacidade do aluno de lidar com a tecnologia. Esses são desafios que ainda persistem.

No estágio supervisionado torna-se necessário dar oportunidade aos estagiários, isto é, possibilitar um novo olhar sobre o trabalho docente, a prática de ensino, a articulação entre teoria e prática, enfim, um movimento de ensino com pesquisa envolvendo compromisso e responsabilidade profissional no fazer docente e na produção de conhecimento acerca desse fazer. A formação necessita ser fundamentada por uma teoria que ilumine a prática e construa uma ação que possa ressignificar a teoria, em movimento coletivo contínuo. Almeja-se que, complementarmente, se valorize o sujeito, a subjetividade.

É necessário compreender que o estágio não é a parte prática da formação de professores, ou seja, o estágio deve transcender a dimensão prática e compor-se em uma disciplina teórica, prática e de reflexão. Nesse sentido, Pimenta e Lima (2004, p. 45) argumentam que o estágio é “atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade”, na qual o futuro professor atuará.

O estágio precisa ser um momento da formação, um espaço de estudo e diálogo, no qual se revejam as concepções, ações e práticas pedagógicas assumidas. O relatório de estágio, nesse sentido, oportunizará um relato reflexivo. A atividade reflexiva tem, nesse momento, outra característica que permite ao sujeito tomar consciência não só de suas mudanças conceituais, mas também dos movimentos que orientam tais mudanças. Ao refletir sobre sua ação pedagógica, o docente estará atuando como um pesquisador da sua própria sala de aula.

Dentro dessa perspectiva, seria interessante uma revisão sistemática da concepção de estágio nos cursos de licenciatura EaD, no sentido de avançar para a compreensão do estágio como atividade de investigação das ações docentes e das práticas pedagógicas nas instituições educativas.

Nesse contexto, superar as concepções de estágio que limitam a ação docente é um desafio a ser enfrentado. Assumir o estágio como pesquisa é uma postura teórico-metodológica que visa ao intercâmbio entre teoria e prática para que se possa compreender o trabalho docente como coletivo e social, visto que a formação ocorre entre os professores e os seus pares.

O desafio é ainda maior quando estamos falando de um curso a distância, em que a relação e mediação pedagógicas entre o professor do estágio e os acadêmicos ocorrem pela Plataforma Moodle. Como destaca Prado (2001), a educação a distância impele a recriação de estratégias para que o aluno possa atribuir sentido naquilo que está aprendendo. Desta forma, o uso da referida plataforma pode se destacar como sendo espaço de interação, no qual o professor e o aluno devem aprender e desenvolver esses princípios de forma a garantir qualidade na comunicação virtual. Desde que todas as ferramentas disponíveis sejam usadas de modo qualitativo e que a versão da plataforma esteja atualizada para que se possa ter acesso a todas as facilidades.

Uma parte importante para o sucesso do estágio supervisionado a distância, assim como da EaD de um modo geral, é que se leve em consideração a educação para os meios. Não basta cadastrar o aluno, cobrar participação, passar as orientações por escrito, é preciso educar o aluno EaD para a formação a distância, realmente assumir a condição de uma alfabetização de formação digital, que inclui tanto alunos como professores em

verdadeiro processo de construção de um conhecimento novo, em um contexto que reclama também uma postura pedagógica inovadora.

### Referências Bibliográficas

ALVES, Lucineia. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**. v. 10, p. 83-92, 2011.

BEHR, Ariel. Território virtual: A gestão da educação a distância nas perspectivas do tempo-espaço e da sociomaterialidade. 2014. 155f. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 21/2001**. Estabelece a duração e carga horária dos cursos de formação de professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

\_\_\_\_\_. **Decreto 5.622 de 19 de dezembro de 2005**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arqui-vos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acesso em: 12 de abril 2010.

\_\_\_\_\_. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDBEN, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. MEC. **Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002**.

\_\_\_\_\_. MEC. **Resolução CNE/CP nº 2, de 19 de fevereiro de 2002**.

CUNHA, M. I. da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara, JM Editora, 1998.

LAPA, Andrea Beltrão. **Introdução a Educação a Distância**. Centro de Comunicação e Expressão – CCE ISBN: 978-85-60522-21-7. Universidade Federal de Santa Catarina- UFCS. Florianópolis. 2008.

MORAES, Maria Cândida. **Tecendo redes, mas com que paradigma?** In: MORAES, Maria Cândia (Org). Educação à distância: fundamentos e princípios. UNICAMP, SP, 2002. Disponível em <http://www.nied.unicamp.br/oea/pub/livro3/> Acesso em 11/12/2011.

NEVADO, Rosane; MAGDALENA, Beatriz; COSTA, Iris T. da. **Formação de professores multiplicadores: nte2@projetos.cooperativos.ufrgs.br** In: MORAES, Maria Cândia (Org). Educação à distância: fundamentos e princípios. UNICAMP, SP, 2002. Disponível em <http://www.nied.unicamp.br/oea/pub/livro3/> Acesso em 11/12/2011.

OLIVEIRA, Lúcia Maria Perce de; Educação a Distância: **Novas Perspectivas à Formação de Educadores** In: MORAES, Maria Cândia (Org). Educação à distância: fundamentos e princípios. UNICAMP, SP, 2002. Disponível em <http://www.nied.unicamp.br/oea/pub/livro3/>. Acesso em 11/12/2011.

PICONEZ, Stella C. Berholo. (Coord.). **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. Campinas, SP: Papyrus. 1991, 139 p.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PRADO, Maria Elisabette Brisola. **A Mediação Pedagógica: suas relações e interdependências**. Disponível em

<http://www.sbc.org.br/bibliotecadigital/download.php?paper=727>. Acesso em: 28 de abril. 2010.

SILVA, Angela N.: A formação por um fio: o tutor na EAD no Estado do Tocantins – **Comunicação e Formação e Profissionalização Docente. PPGE/FE/UFG** 2009. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp123438.pdf>. Retirado em 18 de julho de 2011.

STENHOUSE, L. **La investigación como base de la enseñanza**. Madrid: Morata, 2004.

THOMPSON, J.B. **A mídia e a modernidade. Uma teoria social da mídia**. Petrópolis, Vozes, 2002.